

SEÇÃO RESENHAS

Sonho Domado

Sei que é preciso sonhar.

Campo sem orvalho, seca
A frente de quem não sonha.

Quem não sonha o azul do vôo
perde seu poder de pássaro.

A realidade da relva
cresce em sonho no sereno
para não ser relva apenas,
mas a relva que se sonha.

Não vinga o sonho da folha
se não crescer incrustado
no sonho que se fez árvore.

Sonhar, mas sem deixar nunca
que o sol do sonho se arraste
pelas campinas do vento.

É sonhar, mas cavalgando
o sonho e inventando o chão
para o sonho florescer

Thiago de Mello



Turismo e aventura: refletindo sobre novas sensibilidades na busca pela natureza

Alcyane Marinho

Bruhns, H.T. **A busca pela natureza: turismo e aventura**. Barueri: Ed. Manole, 2009.



Aspectos importantes do ambientalismo e das conexões deste com outros movimentos sociais, como o feminismo, o pacifismo e o movimento estudantil, são tratados com profundidade e acuro no livro “A busca pela natureza - Turismo e aventura”, de autoria de Heloísa Turini Bruhns, editado pela Manole em 2009.

De antemão, vale ressaltar que a trajetória acadêmica da professora Heloísa, com graduação em Economia (pela UNICAMP) e em Educação Física (pela PUC de Campinas), mestrado e doutorado em Educação (pela UNICAMP) lhe permite escrever, com propriedade, uma importante obra que atinge públicos diferentes, de áreas igualmente distintas.

Com mais de uma dezena de livros publicados atualmente, como Professora Titular da UNICAMP, Heloísa tem atuado como colaboradora no Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências (IG da UNICAMP), desenvolvendo estudos sobre a temática lazer e meio ambiente.

Especialmente, a obra “A busca pela natureza - Turismo e aventura” resulta de pesquisas realizadas pela autora para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), elege o ambientalismo como um dos marcos do pensamento crítico contemporâneo.

Parte do pressuposto de que o ambientalismo como movimento crítico-social - sem negar suas contradições e incoerências, bem como correntes às vezes conflituosas - influenciou a busca atual pela natureza, a qual recebeu conotações diferenciadas ao longo de seu percurso histórico em diferentes contextos. Essas questões são tratadas no livro tomando como marco a década de 1960, nos movimentos contraculturais, constituindo e desembocando em crises deflagradas no âmbito das instituições - família, educação, religião, entre outras. Surge aí uma noção de ambientalismo, na qual está embutida não apenas a preservação, de maneira isolada e estanque, mas integrando uma infinidade de conteúdos.

O livro realiza uma discussão densa no primeiro capítulo abordando questões do ambientalismo, do feminismo e do ecofeminismo. Do segundo capítulo em diante a abordagem volta-se para as atividades contemporâneas na natureza, quando é enfocada a questão da Educação Ambiental, das características das atividades de turismo e aventura e do perfil do público que está demandando essas atividades.

A autora tece uma rede entre o feminismo, o ecofeminismo, o ambientalismo, os novos valores e as novas sensibilidades, envolvidos na busca contemporânea pela natureza. O ambientalismo carrega novas ideias e sensibilidades - aproximando-se do feminismo e da vertente ecofeminista -, configurando uma fase estética, gerando tanto uma atitude ativa contemplativa sobre a natureza, como uma atitude ativa destinada a expandir e integrar as relações da sociedade com a natureza.

Expõe como o feminismo insere-se nos “novos movimentos sociais” emergidos durante a década de 1960 - as revoluções estudantis, os movimentos antiguerra e da contracultura revolucionária, os movimentos pacifistas e o ambientalismo. Ele veio contestar situações pontuadas pela modernidade como categorias universais de sujeito masculino e do conhecimento objetivo.

O feminismo propôs também um olhar mais sensível em relação às questões que vinham ocorrendo na sociedade em geral, tanto no mundo oriental quanto ocidental, como a da agressividade em relação ao planeta e aos sujeitos. Apontou a necessidade de incorporarmos parâmetros não-rationais à nossa leitura da realidade e de nos aproximarmos de valores como a sensibilidade, a fragilidade, a tolerância, a solidariedade, entre outros, embora devamos considerar que esses valores merecem receber tratamento contextualizado, uma vez que suas construções históricas requerem tal cuidado. A vertente do ecofeminismo procura incorporar a visão das mulheres às discussões acerca da problemática ambiental e tem orientado movimentos ambientalistas e feministas em várias partes do mundo.

O livro explora algumas práticas de lazer tendo como pano de fundo o ambientalismo como movimento crítico-social. Essas práticas surgem ou despontam com outras características a partir de 1960, muito próximas às peregrinações do movimento hippie ou aos seus propósitos de volta ao campo, em que a busca pela natureza representava uma contestação de valores em relação à determinada produção e ao consumo.

Segundo a autora, a natureza contemporânea pode ser considerada como território da experiência, afastando-se da contestação inicial. Porém, é importante lembrar que experiência está associada a tentar, testar, arriscar, ou seja, implica em aventurar-se. Podemos visualizar aí uma espécie de protesto contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção. As visitas à natureza traduzidas nas formas de acampamento, caminhadas, exploração de cavernas e montanhismo tornam-se cada vez mais frequentes, desencadeando uma série de atividades como *rafting*, *canyoning*, bóia-cross, *cascading*, tirolesa e outros.

Igualmente a obra realiza conexões com questões referentes à tecnologia e à

sociedade de consumo. Aponta como essa questão exige a busca da complexidade envolvida no tema. Enfoques sobre a invasão do consumo na vida cotidiana tornaram-se assunto comum na sociedade urbano-industrial há algum tempo, conduzindo os sujeitos a acreditarem na manipulação de nossos costumes e comportamentos. Nessa perspectiva, o consumo representa a trapaça do mercado invadindo todos os aspectos da vida.

Essas abordagens tornam-se simplistas, pois são verificadas manifestações de oposição e aceitação em relação às mensagens veiculadas pela indústria cultural, implicando numa dinâmica das relações de classes, com um reposicionamento constante dos diversos grupos sociais. A interpretação do consumo como mero fenômeno econômico despreza os fenômenos expressivos que entram em tensão com a racionalização ou com as pretensões de racionalizar a vida social. Embora concorde que as garras do poder econômico e a potência do mercado têm o poder de ditar normas e induzir comportamentos, a autora não interpreta o homem como um ser simplesmente consumidor. Segundo sua ótica, se assim procedesse, estaria realizando uma análise simplista, ingênua e reducionista da questão, ao mesmo tempo em que empobreceria a humanidade nas suas possibilidades de expressão e manifestação.

Ao contestar instrumentos socioculturais e político-econômicos de organização das sociedades e ao questionar teorias e práticas em torno da luta pelo poder, o ambientalismo vem propor novas configurações do expressar a política, do fazer reivindicações, e do agir sobre os temas de interesse coletivos e individuais.

O movimento defende o exercício da política do cotidiano e da identidade na transformação das relações fundamentais, mesmo que essa ação atinja somente uma localidade específica. Considera essa forma de fazer política mais efetiva quando comparada ao enfrentamento dos jogos macro do poder instituído, pois não concorda com suas regras. Portanto, acredita que a solução não vem da mesma matriz danosa que se tenta evitar.

Entre as décadas de 1960 e 1990, os movimentos e as lutas políticas que mais se destacaram, tanto nos países centrais como nos periféricos e semiperiféricos, foram protagonizados por grupos sociais compostos por identidades não diretamente classistas, como estudantes, mulheres, grupos étnicos e religiosos, pacifistas e outros.

Essa busca pela natureza, muitas vezes traduzida como errância, incorporando o deslocamento, o trânsito, manifesta uma insatisfação contra a estabilidade positivista do mundo estabelecido relacionada a uma tentativa - bem sucedida - de domesticação das massas, do assentamento no trabalho e no destino à residência.

Essas pequenas, porém essenciais aventuras errantes, sem muito propósito definido, reconciliam desejos e sua materialização, por meio de uma experiência grupal, na qual os sentidos e os sentimentos tornam-se a base a partir da qual surgem comportamentos e ideias, criando laços ou conflitos, concordâncias ou discordâncias, ambiguidades e contradições.

A questão dessa experiência - ou aventura - não está em ganhar ou perder - nesse sentido distancia-se da lógica tradicional e linear do recorde, como é tratado no livro. Trata-se somente de um fragmento da existência, ao lado de tantos outros, o qual possui a força misteriosa de fazer-nos sentir, por um momento, a vida inteira, como se não tivesse outro objetivo senão sua realização.

Como coloca Bruhns, o desafio contemporâneo requer a busca de reinvenções, sobretudo, no plano político, de elos e mediações ou de novos meios de convívio e valores diferenciados, em um confronto com as sempre mesmas injustiças conhecidas. Estamos buscando algo indefinido, desconhecido, compondo instabilidades em um quadro instaurado na reciclagem de desejos, bem com na reciclagem da própria vida.

Talvez essa busca pela natureza por meio de experimentações e novos comportamentos traduza um pouco de tudo isso, pois nela percebemos a influência mais surda, porém mais profunda, de um mundo em crise, inquietante e instável, tomado por abalos brutais e animado por mudanças rápidas; um universo social que se experimenta e a partir do qual nossos corpos carregam os traços.

Assim, o livro inova numa perspectiva original e traz temas contemporâneos instigantes relacionados à busca pela natureza, oferecendo uma leitura que transita entre várias áreas do conhecimento como sociologia, biologia, geografia, educação física, educação ambiental, dentre outras, apontando um caráter interdisciplinar e, portanto, mostrando possibilidades diversas de interpretação.

Alcyane Marinho: Bolsista da CAPES no Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), no Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina
Email: alcyane.marinho@hotmail.com
Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7175741856017621>

Data de submissão: 16 de dezembro de 2009.

Data de aceite: 17 de dezembro de 2009.